

O deslocamento como prática poética no sul do país [PELOTAS] – DESLOCC

Duda Gonçalves[1]

Resumo: O presente artigo revela como o deslocamento pode ser uma ação e um mote para conceber uma cidade lúdica localizada no interior do Rio Grande do Sul. Estudantes de arte, artistas e participantes do Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas – DESLOCC (CNpq/UFPel) percorrem a cidade de Pelotas e os arredores para encontrar um estado contemplativo, que vislumbre aspectos de um espaço diverso. A tática de se colocar em estado de atenção e prospecção na cidade, na rua, no bairro é compartilhada por meio de fotografias, vídeos e textos, estreitando os laços entre arte e vida, assim como redescobrindo a cidade ocultada pelas rotas funcionais do dia a dia.
Palavras-chave: deslocamentos, artes visuais, cidade lúdica.

The displacement as poetic practice in the south of the country [PELOTAS] – DESLOCC

Abstract: The present article reveals how the displacement can be an action and a motto to conceive a playful city located in the interior of Rio Grande do Sul. Art students, artists and participants of the Research Group Displacements, Observations and Contemporary Cartographies - DESLOCC (CNpq / UFPel) travel through the city of Pelotas and the surroundings to find a contemplative state, which glimpses them aspects of a diverse space. The tactic of placing attention and prospecting in the city, in the street, in the neighborhood is shared through photographs, videos and texts, bridging the bonds between art and life, as well as rediscovering the city hidden by the day-to-day functional routes .

Key words: displacements, visual arts, recreational city.



Figura 1. (...) caminhando na zona do Porto em Pelotas com estudantes de arte, como prática da disciplina Paisagens Cotidianas e Dispositivos de Compartilhamento do PPG Mestrado em Artes Visuais da UFPel. Foto: Felipe Campal

[1] Duda Gonçalves – artista, professora Dra. dos Cursos de Graduação e Mestrado em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel. Coordenadora do PPGarte Mestrado em Artes Visuais, Líder do Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas – DESLOCC (CNPq/UFPel) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Veículos da Arte (CNPq/UFRGS).

GONÇALVES, Duda. O deslocamento como prática poética no sul do país [PELOTAS] – DESLOCC. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.188-200, ano 18, nº 36, julho/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.*gov*.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.



No estado do Rio Grande do Sul, mais ao sul, na cidade de Pelotas, um grupo de artistas, professores e estudantes de arte se desloca pela cidade, como tática para desviar dos efeitos alienantes dos fluxos funcionais. O ir e vir faz parte da vida na cidade. O cidadão percorre trajetos para ir ao trabalho, à escola, à faculdade, ao mercado, desempenhando funções recorrentes que têm como premissa chegar a algum lugar, desempenhar algum papel na sociedade capitalista – trabalhar, comprar, etc. O deslocamento dos participantes do Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas – DESLOCC (CNPq/UFPel), moradores da cidade de Pelotas, não tem como objetivo chegar a algum local e desse partir para outro, mas percorrer e perceber o percurso. A trajetória é mote para a produção poética e ao mesmo tempo a produção poética, dependendo do quanto e como a experiência no percurso afeta os que a percorrem.

> A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (BONDÍA, 2002, p.2)

O grupo desloca-se a pé, de ônibus, de carro, de várias maneiras, como um modo de afetar-se numa rota e partir para um modo de compartilhá-la por meio da arte.

A motivação advém do *petit tour*[i] com a atenção de quem viaja longas distâncias ao encontro de territórios desconhecidos ou o sujeito que passeia, descobre novos horizontes, entregue ao contexto vivido. Além dos deslocamentos, nos voltamos às leituras e práticas que abrem nossas vistas e mentes, partindo da premissa que os deslocamentos físicos e mentais proporcionam um estado perceptivo singular e necessário para produzir arte, desviar do comum em meio às atribuições e demandas do dia a dia e de uma vida que envolve as rotinas de trabalho. O certo é que caminhamos e nos deslocamos recorrentemente pelas ruas próximas ao Centro de Artes, na zona



do Porto, pelos bairros, vilas e comunidades e sempre nos surpreendemos com o que encontramos. Segundo Rebecca Solnit, “Uma cidade sempre tem mais do que é dado aos habitantes conhecer, e uma cidade de grande porte sempre faz do desconhecido e do possível as esporas da imaginação.” (SOLNIT, 2016. p. 228). Pelotas é uma cidade que tem muitos bairros, muita gente; a estimativa do IBGE é que neste ano a cidade tenha 341.648 habitantes, numa área territorial, em 2017, de 1.610,084 km², ou seja, começamos caminhando na zona do Porto, mas cada qual vai aventurando-se pelas diferentes zonas, adentrando as veias de uma cidade plana, diversa e extensa.

A tática da caminhada utilizada pelo Grupo DESLOCC pode ser circunscrita a alguns quarteirões ou a traçados que levam de um ponto a outro da cidade, atravessando bairros e ultrapassando seus limites, como ocorreu quando fomos visitar a Marambaia, localizada no estreito oposto ao canal São Gonçalo, divisa entre Pelotas e Rio Grande. Na Marambaia podíamos avistar Pelotas do outro lado do canal, por outro ângulo, concebendo outras paisagens. No local, além de percorrermos o pequeno estreito, vasculhar suas ruínas, capturar imagens, sons e desenhos, sentamos na orla e desfrutamos de um piquenique. Posteriormente, reunimos imagens do local em um ensaio visual denominado “MARAMBAIAR” (fig. 2).



Figura 2. Fotografia do piquenique. Ensaio visual disponível em https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/10197/6718



Caminhar pela Marambaia e andar pela zona do Porto nos coloca em movimento e em contato com a cidade lúdica. Ludicidade talvez seja a palavra que nos conduza a essa outra maneira de nos movimentarmos, de olharmos por meio de dispositivos da arte. A palavra ludicidade corresponde conceitualmente ao jogo, à liberdade e ao prazer. A cidade lúdica é uma cidade livre, espontânea e desejosa, apaixonante, como revelavam os Situacionistas, nos anos 50 do século passado. Proporiam eles, no século passado, que nos apaixonássemos pela cidade, por meio de táticas e situações construídas, como a deriva,

> modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica de passagem rápida por ambiências variadas. Diz-se também, mais particularmente, para designar a duração de um exercício contínuo dessa experiência. (JACQUES, 2003, p. 45).

Nos anos 50, um grupo constituído por artistas, pensadores, ativistas propunha estratégias para a transformação da cidade burguesa em uma cidade lúdica, uma cidade que é um campo de ações, aberta às manifestações sociais e culturais. A cidade burguesa é projetada com base em sua economia, nas trocas econômicas, implicando as trocas comerciais, como fluxos que traçam o desenho urbano, como ocorreu em Paris e em outras cidades no início do século XX. A deriva é um deslocamento experimental que instaura percursos afetivos, no que se refere ao modo de ser afetado pelas circunstâncias humanas vividas numa cidade.

A proposta situacionista, embora contextualizada na metade do século passado e sendo consequência da urbanização moderna, e após a justificativa de organizar as cidades europeias pós-segunda guerra mundial, ainda ressoa e se atualiza por meio de práticas de deslocamento na arte contemporânea. Então, ainda pertinente, a tática de derivar atualiza-se e resiste, pois a cada dia nos deparamos com maneiras de viver em uma cidade que constantemente sofre a aniquilação dos usos comuns/coletivos e do pertencimento feliz à vida nas ruas, nas praças ou ao convívio com a vizinhança. Cada vez mais nos sentimos restritos e circunscritos às redondezas e ao interior de nossas casas,



restringindo as vias de acesso a percursos cada vez mais rápidos que nos levam ao destino usual, ao trabalho, à escola, ao mercado, etc., e com antolhos em nossa face.

Os modos de mobilizar nossa atenção e nosso apreço à cidade não fogem a estratégias antigas de entrar em contato, não nos furtam de ocupá-la, literalmente, andar, passear, ficar no espaço público, ou entrar em suas vielas, caminhar pelas calçadas, olhar para tudo e se possível olhar novamente, sentar em uma praça, em um degrau, conversar com os transeuntes e entre nós. Para os Situacionistas,

> Jogar significa sair deliberadamente das regras e inventar as próprias regras, libertar a atividade criativa das constrições socioculturais, projetar ações estéticas e revolucionárias que ajam contra o controle social. (CARERI, p. 97)

Ou seja, o grupo DESLOCC desvia da lógica imposta pelo urbanismo que opta pelas vias de acesso mais rápidas para chegar ao trabalho, ao comércio, e ao *enguetamento* doméstico, aos locais funcionais e nos encastela, encapsulados em condomínios ou casas cerradas com medo da violência e do tempo perdido.

O jogo situacionista é o que jogamos hoje em ações promovidas pelo grupo de pesquisa, salvaguardando as distintas relações contextuais, o grupo Situacionista na década passada, na Europa, propunha a transformação do tempo utilitário para o tempo livre; continuamos propondo e resistindo, procurando a Pelotas lúdica em pleno século XXI.

Procede de modo a encontrar o tempo dos afetos, da contemplação em meio ao vivido na cidade contemporânea. Para isso, caminhamos pelas ruas, somos passageiros do transporte público, andamos de ônibus em busca de locais e vias de acesso que não se encontram no caminho dos movimentos ordinários, assim como propomos passeios em zonas que estão fora do escopo da fadiga citadina. Nós nos deslocamos e a partir desse movimento nos permitimos revisitar a cidade e transformá-la. Sim, retomamos num outro contexto as aspirações Situacionistas, que nos anos 50 criavam métodos, como a deriva, para resistir à urbanização unitária e se conectar de modo



espontâneo e apaixonado à cidade. Talvez estejamos próximos à concepção de “novas derivas”, de Jacopo Crivelli Visconti, termo cunhado em sua tese para caracterizar deslocação de artistas contemporâneos, em que aponta “a estreita relação entre revolução e marcha, algo simbólico de suas diversas acepções, explicita de maneira evidente “ (VISCONTI, 2014). Talvez mais do que nos conectarmos à cidade de uma maneira pungente e política, nos colocarmos em estado reflexivo, haja vista a dificuldade de nos reconduzirmos ao estado experimental imprescindível para captar outra maneira de acolher os indícios da arte no que parece tão asséptico no dia a dia, acachapado pela informação, pelo trabalho, pelos vínculos institucionais, pela relações bancárias.

> Às vezes, deslocar-se é refazer um suposto mesmo caminho com uma atenção rara, em estado de alerta, *être aux aguets*, ao modo do que nos diz Gilles Deleuze: “estar sempre à espreita, como um animal, como um escritor, um filósofo, nunca tranquilo, sempre olhando por sobre os ombros” (2). Deslocar ou deslocar-se é um procedimento usual de artista. Ou melhor, de um modo artístico de viver, no sentido da recomendação feita por Nietzsche de tratar a própria vida como obra de arte, como experimento estético. (LUDMILA BRANDÃO, 2012, P.58).

Deslocar-se, de certo modo, é usufruir de convivência com diferentes situações e aspectos da cidade, vislumbrar seus elementos constitutivos, os mais distintos e similares, as pessoas, as suas texturas, os cheiros, os caminhos, os movimentos, as escolhas subjetivas que configuram o desenho citadino.

Caminhando na Zona do Porto de Pelotas...



As situações que nos levam às caminhadas nas cercanias do Centro de Artes são as mais distintas, para sair da sala de aula, para articular a prática com o que lemos em artigos e livros da arte e ingressar no contexto da vida, da



alma da cidade. Verifico que a cada ano os estudantes trazem consigo um repertório de reprimenda, de cegueira, de desatenção. Igualmente, costumo caminhar com os estudantes de arte que ingressam no curso de Bacharelado e com os mestrandos que cursam a disciplina Paisagens Cotidianas e Dispositivos de Compartilhamento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Artes Visuais (fig. 3). Quando caminhamos, passamos a atentar aos detalhes, conversamos sobre tudo que é visto, mobilizando os olhos e a mente e reconstituindo um interesse pelo local em que moramos.



Figura 3. Caminhadas na zona do Porto

Nós, peripatéticos[ii] do século XXI, nos colocamos a pensar entre uma esquina e outra, diante de uma porta talhada pelo tempo e emoldurada pela subjetividade do dono da casa. Colocamo-nos diante de tudo que não é possível prospectar pela pressa. Na caminhada encontramos os diferentes tons das paredes, com camadas de tinta, mofo, escritas e desenhos. Deparamo-nos com as vagas de terrenos baldios que acolhem as ervas daninhas, os arbustos persistentes, os espaços obscuros e em ruínas. Na zona do Porto, em Pelotas, há muitas casinhas de cachorro, muitos pratinhos de comida, muita gente cuidadosa. Podemos também vislumbrar um livro de “livre expressão”, palavras de ordem, ou melhor, da desordem, ali o muro, a parede é papel para a palavra que não quer calar. Igualmente, é possivel ver o que se guarda detrás das grades, pelas janelas; o que não faltam são janelas, fechadas, cerradas, encostadas, arrebentadas, escancaradas. O que está diante de nós nos redimensiona, medidos pelo espaço.



Solnit, em A história do caminhar, revela que

> [...]o ritmo da caminhada produz uma espécie de raciocínio ritmado, e a travessia de uma paisagem ecoa ou estimula a travessia de uma série de pensamentos, o que produz uma estranha harmonia entre travessias interna e externa, sugerindo que a mente também é uma espécie de paisagem e que caminhar é uma maneira de percorrê-la. (SOLNIT, 2016 p. 23)

Ao caminhar concebemos a cidade, a paisagem, refazemos os percursos e os redefinimos. A zona prospectada em cada passo se amplia e o que a passos rápidos se oculta, na lentidão se ilumina. Ao final de cada andança é comum revisitarmos o que foi visto por meio de uma conversa informal. Nos encontros depois de cada andança, cada participante da experiência compartilha o visto, por meio de fotografias, vídeos, desenhos, poesia, fala e escrita (fig. 4). A cidade de Pelotas então se descortina pelo ponto de vista de cada um e o entorno do Centro de Artes passa a ser instigante, passa a ser poetizado. E, muitas vezes, a prospecção aponta que os motes da criação podem ser encontrados entre a rotina do dia a dia, entre as vias abertas pela olhada curiosa de um viajante na própria cidade.



Figura 4. Imagens fotográficas e frame de vídeos de diferentes autores.



Um exemplo é a produção artística de Fabricio Marcon. Em 2016 defendeu a dissertação intitulada Cartografias Poéticas da Cidade Imaginada, em que dá a ver a produção artística desenvolvida a partir de experiências do caminhar e da prospecção realizadas na cidade de Pelotas.

Marcon se detém em alguns pontos da cidade para se referir à Pelotas geometrizada; escolhe o “quadrado”, o local na orla do canal santa Bárbara, que foi apelidado assim pelos visitantes, porque tem um cais nesse formato, onde ainda hoje são ancorados alguns poucos barcos de pesca. O local é conhecido também como doquinhas. Aponta também o “redondo”, apelido atribuído à circunferência que envolve o chafariz nuclear da Praça Coronel Pedro Osório. O “triângulo” que compõe a tríade geométrica prospectada e evidenciada por Marcon é o desenho que traça a praça em frente ao Clube Gonzaga, na zona norte da cidade de Pelotas.

O artista percorre esses espaços com sua máquina apontada para frente, redesenhando os espaços pelo movimento do transeunte. Os vídeos revelam o desenho do perímetro pelo olho da câmera. As imagens são compartilhadas em site para cotejamento público, como também são disponibilizadas por meio de um *QRcode,* inseridas em mapas impressos, em que os locais geometrizados são destacados (fig. 5)



FIGURA 5 - Cartografia de ambiências urbanas. Fonte: Fabricio Marcon. Link dos videos “https://www.youtube.com/watch?v=ucVUOU6qWVQ.



Algumas produções evidenciam o modo como o espaço prospectado poder ser revelado pelo olhar atento e vasculhador, refazendo a interação e suscitando transformações. A partir de interesses pessoais/artísticos e usos diversos dos dispositivos artísticos, encontramos modos de deslocar a paisagem, o imaginário, a concepção ou a representação de uma cidade. Outra cidade se descortina. Marcon revela:

> Nas cartografias que realizo, priorizo a reflexão sobre os dados disponíveis à coleção dos mesmos. Embora a coleção seja parte importante do trabalho – porque, para mim, a cartografia imaginada é também o conjunto dos mapas realizados –, é, na reflexão do espaço como um lugar possível e um lugar imaginado, na reflexão do que é conhecido e do que é desconhecido pelo espectador, e que se passa a conhecer com a experiência, e na forma com que o espaço imaginado passa a ser conhecido pelo espectador, que reside o que me interessa nos mapas que eu produzo. Promovo uma imersão do espectador no espaço selecionado e videografado. A cartografia da cidade imaginada toma forma a partir de um plano videográfico em que percorro lugares que experimento com o caminhar. Esta experiência de caminhar filmando, filmar enquanto caminho, é a maneira de cartografar que utilizo para elaborar o mapa poético de lugares que escolho em minha cidade e em cidades que elejo para visitar (MARCON, 2016, p. 65)

O artista concede mapas e modos de perceber a cidade em vídeo e fotografias, deslocando as velhas imagens e propondo outros pontos de vista. Pelotas é uma cidade conhecida pela organização urbana baseada numa grade quadrangular. A zona central é distribuída em quadras, nas quais é fácil contornar e voltar ao mesmo ponto. Pelotas geometrizada também é revelada pelo músico e compositor Vitor Ramil, que reconhece que o frio geometriza tudo, inclusive a paisagem plana, úmida e fria, que ao anoitecer de inverno é borrada pela neblina da cidade. Imagem, poesia, música e escritura que redimensionam a cidade e a colocam em instâncias do visível, sem os modos funcionais de habitá-la.

Marcon, como outros participantes dos deslocamentos promovidos pelo grupo nas disciplinas e situações pessoais, coloca-se em estado contemplativo na cidade, que é incongruente com o estado em que a rotina nos coloca. Ou seja, encontrar algo pulsante e desejante no cotidiano citadino que possa



impulsionar uma poética visual, só é possível se o sujeito transforma a cidade em um espaço experimental. Outro exemplo são os “Maparedes” (fig.6), de Carla Borin, trabalhos artísticos oriundos da prospecção nas ruas. A artista encontra nas paredes escamadas de algumas casas encontradas na cidade de Pelotas os desenhos da cidade úmida e o mote para a criação, a problematização de uma dissertação de mestrado. As sobreposições de tinta que escamam por causa da ação atmosférica, abomináveis pela estética e preservação arquitetônica, são transformadas por ela em mapas. Ela fotografa as paredes descascadas, como também extrai as camadas que se soltam do reboco molhado, depois desenha sobre as superfícies, contornando e dando a ver penínsulas, territórios e localidades.

De certo modo, o que nos conduz às andanças pela cidade é poder encontrar a arte e o processo de criação nos trabalhos do dia, no cotidiano da cidade. Na sala de aula, nos encontros em atelier, nas leituras da literatura da arte encontramos substratos que nos referenciam, na rua engendramos o que é da linguagem de nosso interesse em contexto hodierno, e se da vida nos interessa o que dela vira arte, da arte o que nos transforma e nos conduz à vida.



Figura 6: Carla Borin. Parede/pele. 2ª Pele cultivada no interior da casa.19cmX29cm. 2015.



Referências:

CARE RI, Francesco. Walkscapes. *O caminhar como prática estética*. São Paulo: Gili, 2013.

BONDIA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf

MARCON, Fabricio. *Cartografias Poéticas da Cidade Imaginada*. Disponível em http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3643

JACQUES, Paola Bereinstein (org*). Internacional Situacionista* . Rio de Janeiro. Casa da Palavra, 2003.

SOLNIT, Rebbeca. *A História do caminhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2016,

BORIN, Carla. *Um estudo poético-cartográfico dos maparedes da cidade de Pelotas.* Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/3917/1/Carla%20Borin%20Moura_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf

[i] *Petit tour* se refere a um pequeno itinerário *percorrido,* ao contrário do *Grand tour,* as excursões europeias por amor à cultura no século XVIII, que percorriam longas distâncias em situações precárias para conhecer as ruínas da civilização ocidental.

[ii] Os filósofos da Escola de Atenas, escola fundada por Aristóteles, eram chamados de peripatéticos, termo que significa "aquele que caminha habitual e largamente", porque as aulas eram ministradas entre colunatas (perípato) ou passeio, ao ar livre. Diz-se que Aristóteles ensinava andando de um lado ao outro. (SOLNIT, 2016)